



Olá
SENHOR
Estranho

Um conto de Juvenália Da Costa

Este conto é dedicado, com amor e carinho a todas pessoas que sofreram a dor irreparável de uma perda.

Copyright © 2022 Juvenália Da Costa

Todos os direitos reservados.

Capa: Juvenália da Costa

Correio eletrónico

Jc20creations@gmail.com

E-mail: Juvenaldacosta@outlook.com

Contacto comercial: 924 432 671

Instagram: @juvenalia_escritora

Facebook: Juvenalia Da Costa

Canal Youtube: Escritora Juvenália Da Costa

RESUMO

Frederick chegou na pequena vila de Catete, uma cidadezinha sossegada, no interior leste dos Estados Unidos. Tinha a intenção de estar sozinho e levar uma vida tranquila, e principalmente afastar da mente as imagens do acidente. Estava decidido a não criar laços com ninguém, até conhecer Joaquim, um menino muito simpático e irritantemente doce, e sua mãe Loretta Cline, uma adorável professora de olhos verdes brilhantes. Tudo mudaria com uma simples palavra se Frederick não fosse tão carrancudo.

AGRADECIMENTOS

Os meus mais sinceros agradecimentos a Ivana Silva, representante da "Be talent consulting", por me enviar um convite tão especial para a formação de "Escrita criativa". Agradeço a nossa formadora e experiente escritora, Mónica Menezes, por ensinar e apresentar técnicas muito interessantes e divertidas que fizeram dar mais asas à minha imaginação.

A Maria João Dias, Nilda Correia e Yolanda de Almeida, por partilharem connosco histórias tão emocionantes. Foi um enorme prazer.

Gosto muito de desafios e essa história é fruto de mais um. A ideia era apenas criar um pequeno texto sobre o dia mundial do "Olá", mas quando dei por mim já estava nos Estados Unidos em pensamentos e quando começo não consigo parar tão cedo. Provavelmente o querido leitor vai

querer ler mais sobre essa história, mas lamento informar que para mim também foi muito difícil escrever a palavra, “Fim”. Eu diria que essa história daria um belo romance nas primeiras páginas do New York Times, se eu não tivesse comprometida em fechar outros trabalhos. Mas com os vossos comentário e sugestões, quem sabe no futuro, teremos um livro.

A minha gratidão à Deus pelo dom e por tudo.

Ler é viajar sem sair do lugar...

Seja bem-vindo/a ao meu
barquinho.

Boa leitura.

OLÁ

SENHOR

ESTRANHO

O dia nasceu ensolarado, e os pássaros faziam uma fileira entoando o característico som do seu magnífico piar por toda à floresta. Frederick cerrou os olhos, mas era inevitável cobrir por completo aqueles incómodos raios solares da janela do quarto, por esta estar sem cortinas. Tinha se mudado para a Vila de Catete a menos de três meses. Queria afastar-se de tudo e de todos, pois nada fazia mais sentido se não viver, ou pelo menos tentar. Naquela manhã as lembranças daquela noite pareciam mais nítidas, o som dos pássaros converteram-se em buzinas gritantes, e podia ver o gotejar de sangue, a cabeça virada no sentido contrário e o corpo preso pelo cinto de segurança.

– Pai... ajuda-me!... – A voz cortante do menino que implorava por socorro, preso no banco de trás ecoava pelo carro, e sua mãe sentada ao lado já não respondia ao toque de Frederick. Tinha que ser forte por eles, mas subitamente lágrimas incontroláveis lhe caíam pelo rosto quando apercebeu-se que não podia mover as próprias pernas. As lembranças continuavam muito frescas. Levantou-se visivelmente indisposto, foi tomar um duche

rápido a fim de afastar as imagens que o atormentavam todos os dias de sua infeliz existência. Vestiu e a seguir foi para a cozinha aquecer um guisado de frango que tinha no frigorífico a alguns dias, já ouviu imensas vezes que era esquisito não gostar de comer pão logo pela manhã, mas sempre que visse um, imaginava os pombos do park Avenue devorando-os como abutres, e sentia um embrulho no estômago.

Acabou de comer e preparou a mochila para sair. O ar puro que se respirava por aquele lugar era reconfortante, sentia sempre logo ao abrir a porta velha de madeira de entrada da cabana. Andou por alguns minutos em direção a loja de ferramentas, pois precisava comprar um suporte de vara de pesca novo quando de longe ouviu uma voz irritantemente doce de um menino.

– Olá Frederick! – O menino acenou sorridente.

Frederick não respondeu como de costume e continuou a caminhar em direção à loja. O mesmo aconteceu quando vizinhos e outros residentes da pequena

vila de Catete acenaram para Frederick. Catete era uma vila sossegada com campos tomados por uma cor verde vívida e pitorescos jardins florais. Um cantinho de paz paradisíaco com uma vista maravilhosa, e plantas distintas de cores de difíceis descrições por toda a floresta. As pessoas eram muito simpáticas e transbordavam sorrisos largos e alegres por todo canto. Sem saber exatamente como, mas pareciam ser muito felizes. Nunca entendeu porque Laura queria mudar-se para aquela vila, era irritante ver tanta gente feliz. Laura era uma florista profissional, trabalhava com design floral e por mais que tentasse afastar da mente a imagem dela, podia vê-la em cada detalhe daquele lugar, em cada sorriso, olhar e entre cada maldita flor.

- Vai levar somente o suporte? Não precisa de uma vara nova, Sr. Frederick? – Perguntou o balconista da loja, enquanto embalava o suporte em uma sacola.

Frederick não respondeu, mas abanou a cabeça em gesto de negação e ergueu a mão entregando uma nota de dez dólares para pagar.

– Frederick? Você sabe que dia é hoje?

Abanou a cabeça novamente.

– Hoje é um dos dias mais importantes da nossa vila. Sabe a menina Loretta, filha do senhor Morgan, o padeiro lá da esquina? É professora e tal, desde que chegou na vila ensinou aos meninos e todo vilarejo sobre um tal dia do “Olá”, e toda gente faz um cartaz na porta de casa ou mesmo, enviamos uns aos outros para dizer “Olá”, não é engraçado?

Frederick não achava piada para nada do que o jovem contava. Frederick era um homem alto de seus quarenta e quatro anos, grisalho, olhos azuis-claros com um jeito carrancudo, antipático e muito teimoso. Usava calções pretos e um casaco cinza com capuz e sempre um boné, tentando esconder-se, mas quase sempre sem sucesso.

Não entendia porque razão as pessoas adoram meter conversa com ele, visto que ele não falava uma

palavra sequer. Talvez só quisesse desabafar. O que aquele vilarejo precisava era de um bom psicólogo. “Pensou”

– E toda gente se reúne no campus à noite para comemorar. Vês aquelas fotos? Fazemos todos os anos com toda a gente da villa dizendo “Olá” em simultâneo. O senhor Smith é quem tira-nos as fotos, ele não gosta de aparecer nas fotos, por isso...

Quando o balconista virou-se para Frederick, já o tinha perdido de vista.

Frederick deixou a loja quase que com uma sensação de alívio. Colocou o suporte na mochila e seguiu caminho para o lago. Para além da cabana, aquele lugar era o que mais gostava no vilarejo, porque podia ficar sozinho e longe de olhares curiosos e simpáticos. Não estava a ser um belo dia para pescar, pois as suas plugs voltavam sempre à superfície sem nenhum peixe fispado. Talvez fosse da molinete que não usava há anos, ou da linha que parecia mais curva do que o normal, ou das iscas artificiais

que escolhera com formato de peixes, que não lhe estavam a ajudar naquele final de tarde.

Momentos mais tarde ouviu um barulho de uma risada descontrolada quando o anzol voltou novamente sem nenhum peixe, olhou para o lado aborrecido, para ver quem era.

– Olá Frederick! Parece que precisa de ajuda. – O menino Joaquim soltou novamente uma gargalhada descontrolada quando Frederick lhe lançou um olhar irritado.

Joaquim atirou para água um pedaço de alguma comida que Frederick não conseguiu ver o que era, e em seguida os peixes puseram-se a saltar na sua frente.

Joaquim era um menino magro, de aparente sete anos, tinha os cabelos louros e longos que formavam uma espécie de capacete no seu penteado dourado, era também visivelmente curioso e sempre que tinha alguma oportunidade perturbava o silêncio de Frederick com sua presença audaz. Quando ergueu as mãos lá do alto da

árvore para lançar mais algum alimento para os peixes, o seu pé esquerdo desequilibrou-se e subitamente seu corpo escorregou para uma lagoa oculta que encontrava abrigo por trás de uma corrente de água cercada em volta da árvore. Frederick correu assustado para o ajudar entre um estreito caminho de cascalho. Naquele momento uma sensação de impotência e desespero se apoderou de Frederick e num tom ríspido que o surpreendeu e disse-lhe:

– Lien? Vou te salvar!

Joaquim sentiu o corpo dorido e a cabeça dando voltas, sentia frio e um desconforto ao ser retirado do poço oculto da lagoa. Os músculos das costas relaxaram mais quando Frederick o tomou pelo colo aparentemente assombrado pelo que viu escorrer pela testa do menino.

– Eu não sou Lien, meu nome é "Joaquim", senhor estranho. – O menino ergueu os olhos cansados em protesto, mas o cansaço fez cair em um sono profundo.

Frederick ia levá-lo para o hospital, mas lembrou-se do que o rapaz da loja falou, sobre a tal comemoração e

pelo seus cálculos todo vilarejo lá estaria. Então foi direto. Não teve dificuldades em encontrar o campus, pois de longe se via um monitor que reluzia expondo a parte exterior e umas decorações arrojadas de flores no ponto mais elevado do espaço, penduradas em arcos. Certamente se Laura visse aquele desfalecer da sua arte exposto daquela maneira voltaria das cinzas para os arranjar.

Ao chegar perto, uma multidão o cercou, aproximando-se deles evidentemente preocupados.

– Joaquim? – Aproximou-se rapidamente deles uma mulher visivelmente preocupada levando a mão ao peito. Continuou questionando com um ar acusador. – O que houve? O que você fez com ele?

Frederick paralisou por instantes ao ver aquela mulher. Tinha olhos verdes hipnotizantes, bochechas cheias e uns lábios carnudos rosados com contornos castanhos escuros que o fizeram engolir em seco.

– O que você fez? É surdo ou mudo? Não acredito!
A mulher virou-se furiosa para o outro lado, irritada por

não obter respostas e voltou-se para o menino que tinha aberto os olhos e uma pequena tosse se ouvia.

– Joaquim, consegues ouvir a mamã? – Perguntou em um tom mais manso, e aliviada.

– Sim, mamãe. – Tentou levantar-se.

– Calma. Não te mexas.

– Estou bem. A sério. – Acrescentou ele.

– Olha para essa testa, tu não estás nada bem. O que houve?

– Pára mãe. Estou bem. Eu estava por cima da árvore jogando comida aos peixes, quando dei por mim já estava caído naquele poço oculto. O senhor estranho estava lá e me ajudou.

– O senhor estranho?

– Sim, Frederick. Onde está ele?

– Não sei, estava aqui a poucos minutos.

– Tenho que lhe agradecer pela ajuda. – Tentou levantar-se.

– Não vais a lado nenhum menino. – Disse o Avô, preocupado.

– Eu vou encontrá-lo e agradecer-lhe, porque achei que te tinha magoado. Espera aqui. Está tudo bem pessoal. Podem continuar a festa.

A mulher virou-se para o final da rua tentando achar o homem com os olhos. Teve que caminhar por mais ou menos quinze minutos para o encontrar. Ele estava virado para o lago enquanto guardava alguns objectos em uma mochila verde. Achevou-se a ele calmamente e disse-lhe:

– Olá!

Ele virou-se para ela espantado com a figura da mulher tão perto. Não soube o que responder por isso calou-se.

– “O senhor estranho”, como diz o Joaquim, não

fala nem ouve mesmo? Bem, chamo-me Loretta, sou mãe do Joaquim. A pouco tive um comportamento reprovável, e por isso vim me desculpar e agradecer pelo que fez. – Ela fez uma breve pausa, e ele olhou para ela com curiosidade.

Loretta pode reparar que tinha uns belos olhos azuis-claros que reluziam provocando um encanto natural, mas a barba por fazer dava a impressão de que era mais velho. E tinha um aspecto péssimo, e uma aura de tristeza em cada gesto do seu corpo. Realmente era um homem estranho e antipático.

Para os vinte e um anos de experiência que tinha no processo educativo, podia afirmar que aquele homem sofria um tipo de transtorno de personalidade, que se estudado e tratado com o devido acompanhamento, era possível melhorar aquele aspecto. Loretta tinha os seus quarenta e dois anos de idade, baixa, de pernas curtas e grossas que herdou da família de sua mãe, já falecida, e um corpo rechonchudo. A pior forma de fazer um homem introvertido falar era lhe fazer muitas perguntas e falar

demais, por isso limitou-se em falar simplesmente o necessário.

– Pareces um pouco... triste

Ele fez um sorriso fraco sem responder.

– Se for por causa do que eu falei a pouco, peço imensas desculpas. – Ela olhou para o material de pesca que tinha na mão direita e continuou: – Conseguiu apanhar muitos peixes?

Ele não respondeu, desviando novamente os olhos.

– Pois, bem... se gosta de peixes vai ficar muito feliz em ver os diversos pratos que foram preparados para a festa de hoje. – Ela olhou para ele com um sorriso quando percebeu que aquele convite animou um pouco o semblante do homem.

– Sabe porque celebramos o dia de hoje? Não esperou por resposta e continuou: – Todos os anos, em 21 de Novembro, a nossa vila comemora o dia mundial do “Olá”, Nunca ouviu falar?

Ele abanou a cabeça em negação.

– Eu sei que parece estranho, são raras as regiões que o fazem. Usamos essa palavra muito simples, “Olá”, com objetivo de unir as pessoas, e promover o contacto entre elas, sendo pessoas desconhecidas ou não. Quando cheguei aqui, ninguém ligava nenhuma a data, mas quando os meus alunos começaram a levar os cartazes em casa, houve uma reação positiva dos pais. Porque muitas são as vezes que nos acostumamos com a rotina, que acabamos por esquecer de dizer, “Olá” até para quem acorda ao nosso lado todas as manhãs.

Frederick detestava que seus ouvidos fossem usados como caixotes de desabafos e qualquer outra informação que não pedira, mas ouvir Loretta falar com tanto entusiasmo sobre um dia completamente estranho para ele, era muito engraçado e também reconfortante. Ela tinha uma voz doce, serena, pausada e muito segura no que dizia.

Sem aperceber-se soltou um sorriso que fez Loretta sorrir-lhe de volta.

– O que foi? Não acredita em mim? – Ela franziu o sobrolho.

Devagar, Frederick caminhou mais perto de Loretta e rapidamente trocou o objeto que tinha na mão direita para a esquerda e logo a seguir esticou a mão direita para ela e disse-lhe:

– Olá... Chamo-me Frederick. Ele ergueu a cabeça para a encarar com sorriso rasgado no canto dos lábios.

– Olá Frederick! – Respondeu admirada.

– Você tem olhos muito bonitos.

– A sério?

– Não acredito que nunca ouviu isso.

– Na verdade, faz tempo que não ouço. O Frederick também tem olhos muito bonitos.

– Não lighes os meus. As pessoas deviam dizer-te isso em troca do “Olá” porque são realmente muito bonitos.

Ela sorriu envergonhada.

– Muito obrigada. Mas então, qual é o seu problema em dizer “Olá” ?

– Prefiro comer peixe do que falar um bocado. Vamos? – Respondeu num tom misterioso, apercebendo-se assim no tom de sua voz, que escondia muito mais do que Loretta pudesse imaginar.

– Sim...

– Como está ele? – Com um tremor incontrolável das pálpebras, decidiu mudar de assunto e afastar da mente o mal da perda, pois não havia o que mudar.

– Quem? O Joaquim?

– Sim.

– Está bem, foi só um arranhão na testa. – Quando falou sua voz era muito calma.

Entretanto no caminho até a festa, Frederick e Loretta não trocaram nem mais uma palavra, uma tensão muito forte sobrepôs-se àquele momento. Eram passos lentos que faziam menos barulho do que seus pensamentos. Loretta desejou saber mais sobre ele, mas pela sua experiência obteve o suficiente para primeiro contato.

Quando chegaram à festa Loretta ofereceu um prato de peixe no forno com arroz de passas, a Frederick, como tinha prometido, e para o seu espanto lhe viu repetir quando se afastou por algum tempo. Certamente fazia tempo que não comia uma boa refeição.

– Loretta... Aquele é o vizinho novo? É esquisito, não achas? – Aproximou-se dela a senhora Theodora, proprietária da loja Seven, na entrada da cidade.

– Sim. Chama-se Frederick.

– Como conseguiste trazê-lo para a festa? Ele não fala com ninguém.

– Com um simples “Olá”. – Loretta sorriu.

– Não me parece, deve cair aos teus encantos.

– Não diga besteiras, Theodora. Não estou para essas coisas. A companhia de Joaquim basta-me.

– Parece que ele e Joaquim também entendem-se muito bem.

– É verdade. Não tinha reparado que eram amigos.

– Disse olhando para os dois que pareciam estar em uma conversa descontraída.

– Olhando de perto, se não fosse essa barba, podia jurar que conheço esse Frederick de algum lugar, Frederick...? –Theodora pôs-se a pensar por poucos minutos.

– A sério?

– Sim...– Os olhos de Theodora brilharam quando apercebeu-se de quem se tratava. – É Luke Frederick Moore, um importante cirurgião plástico. Agora lembrome, já estive no consultório dele.

– É mesmo?

– Sim. Mas ele deixou o escritório depois do acidente... – Que tristeza! É um ótimo profissional, é uma pena o que lhe aconteceu.

– Theodora? Que acidente, o que lhe aconteceu? Conta logo!

– Dizem que perdeu o controle do carro, e infelizmente perdeu a mulher e o filho. Meu Deus! Aquilo foi uma tragédia, e ele quase morreu.

– Então é por isso...

– Preciso falar com ele e dizer que sinto muito. – Disse Theodora pronta a ir ao encontro dele.

– Não!

– Como?

– A última coisa que quer é ser reconhecido, e lembrar da família. Temos que fingir que não sabemos e lhe ajudar a superar a perda em silêncio. Entendes?

– Achas?

– Ele perdeu a esperança, e preferiu se afastar das pessoas que conhecia por medo. Eu sei bem qual é a sensação.

– Faz sentido.

– De agora em diante vamos cuidar de Luke, ou Frederick, como parte da nossa família. Porque é assim que fazemos em Catete. Dividimos as dores e transformamos em sorrisos.

FIM!

NOTA INFORMATIVA

Olá. O Dia Mundial do Olá celebra-se a **21 de novembro**.

O “olá” é uma palavra muito simples que muitas vezes faz toda a diferença, permitindo o contacto entre pessoas desconhecidas e o quebrar do gelo ou do silêncio numa sala.

O objetivo no Dia do Olá é dizer “olá” a 10 pessoas diferentes, promovendo o contacto entre as pessoas e a paz. Com este dia tenta-se mostrar aos líderes mundiais que os problemas resolvem-se pela comunicação e não pelo uso da força.

Se deixou de falar com alguém, também pode aproveitar para lhe dizer olá e para retomar o contacto nesta data.

Este dia surgiu em 1973 em resposta à guerra Yom Kippur (guerra árabe-israelita), por ação de dois professores universitários norte-americanos (Brian McCormack da Universidade do Arizona e Michael McCormack da Universidade de Harvard). Atualmente é celebrado em mais de 180 países do mundo, podendo-se até enviar cartões digitais online em sites específicos deste Dia do Olá.

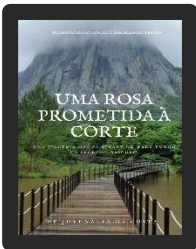
Políticos, líderes religiosos, vencedores do Nobel da Paz e celebridades são alguns dos maiores promotores deste dia.

<https://www.calendarr.com/portugal/dia-mundial-do-ola/>

VOCÊ VAI QUERER LER TAMBÉM



Denise Cassanguidi já tinha sofrido o suficiente e decidido nunca mais voltar a acreditar no amor. Por isso, quando o inesperado charmoso sobrinho do CEO Anthony Blawney entrou em sua casa, para conhecer as empresas Cassanguidi e fechar um contrato importante, sabia que passar um tempo com um homem incrivelmente bonito podia custar-lhe muito caro. Anthony sabia que aquele seria um negócio proibido. Mas ele estava disposto a quebrar a barreira que Denise havia colocado. Estava disposto a penetrar até em seus sonhos e descobrir a verdade sobre aquela bela mulher angolana.



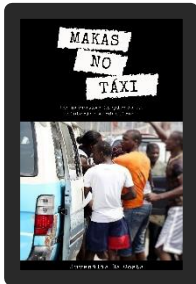
Os Rosas eram uma das famílias mais importantes do Waku Kungo na época de 60, mas este título não era suficiente para Terêncio Rosa. Por isso decidiu oferecer sua filha Weza à corte real, mesmo sabendo que estava apaixonada por um cantor vagabundo da vila. Depois de expulso da própria terra como um criminoso, Lombá volta com a missão de roubá-la da corte, mas ninguém no seu juízo perfeito ousaria roubar a corte real.



Naiole, formada há dois anos pela universidade Agostinho Neto, vê-se em desespero por não conseguir uma oportunidade de emprego por causa do requisito principal dos empregadores. (EXPERIÊNCIA). Até onde estaria disposta a chegar para conseguir o emprego?



Amar é um ato de coragem e sonhar é acreditar que o amor é para sempre. O que resta de nós, quando morrem nossos sonhos?



Makas no táxi, é uma série de episódios baseada em factos reais. Narra a trajectória difícil dos cidadãos angolanos nos transportes públicos. Desavenças, intrigas, lutas e muito mais, marcam as makas do nosso quotidiano.



Nzuzi cresceu sem conhecer o secretismo da sua tradição espiritual, e quando sua aldeia, Tchizo, em Cabinda foi invadida por homens brancos, surgem em forma de sonhos figuras mascaradas que são espíritos. A tripulação do navio que os transportava como escravos foi pega de surpresa quando uma misteriosa sereia surge para os salvar.

PAY IF YOU LIKE

A escrita é uma maneira de apreender a realidade interna do ser-no-mundo assim como o seu contexto histórico e social. Para isso, há que se ter uma apreensão estética e um sentimento de empatia com a humanidade. Quando escrevo, mergulho no mais profundo dos meus pensamentos e sentimentos. Vivo a cada momento, a cada detalhe, como se pudesse realmente entender cada personagem descrito.

Dessa arte, que tanto amo e entrego-me de corpo e alma, não ganho o meu alimento, mas me contento por saber que alguém a consome. Porque a minha arte, é tão importante quanto as outras, julgo ser tão importante quanto a música, a pintura, bandas desenhadas e outras.

Como apoio à toda arte disponibilizada gratuitamente, a **PAY IF YOU LIKE**, traduzida como “**PAGUE SE VOCÊ GOSTAR**” surge como um meio-termo entre artistas e consumidores. Você não precisa de viver insatisfeito por ter comprado um trabalho ou produto de baixa qualidade, igualmente não pode deixar de apoiar e incentivar os artistas do seu país que se dedicam nesta e outras artes, tanto de dentro como de fora.

Não há preço nem exigências, esses modelos podem eliminar o medo de um produto valer um determinado preço definido e o risco relacionado de decepção. Pague apenas o que estiver ao seu alcance porque nenhum dinheiro dado de boa intenção será pouco, e na ausência de apoio financeiro, você estará a ajudar o artista a ir mais longe, partilhando com pessoas que podem pagar pelo consumo, ou então apoiar com entrevistas na rádio, televisão ou outros meios de visibilidade para a voz do artista ecoar pelo país e pelo mundo.

Você só precisa parabenizar os artistas pela qualidade e incentivá-los a serem melhores nos próximos trabalhos. Apoie a arte nacional e pague pelo que gosta.